

# Flexibilidade e sistematicidade no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos

*Flexibility and systematicity in the internal organization of minimal topic segments*

Eduardo PENHAVEL\*  
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

**RESUMO:** Em trabalhos anteriores, desenvolvidos no âmbito da Gramática Textual-interativa (JUBRAN, 2007), defendemos que a estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em unidades e subunidades constituintes é um processo altamente sistemático, passível de ser descrito em termos de regras gerais de estruturação. No presente trabalho, analisamos esse processo, porém focalizando, de forma complementar, alguns aspectos flexíveis, ou irregulares, que também o caracterizam. A esse respeito, procuramos mostrar a interação entre a flexibilidade e a sistematicidade desse processo e, na mesma direção, procuramos demonstrar que a postulação de regras de estruturação de segmentos tópicos mínimos, conforme temos sugerido, é condizente com tal flexibilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tópico discursivo. Articulação tópica. Gramática textual-interativa.

**ABSTRACT:** In previous papers, within textual-interactive grammar (JUBRAN, 2007), we have argued that the internal organization of minimal topic segments into units and subunits is a highly systematic process, which can be described in terms of general rules. In the present paper, in a complementary way, we analyze that process and focus on some irregular aspects that characterize it. In this respect, we try to show the interaction between irregular and regular aspects of the process under consideration, and we also try to demonstrate that our proposal of identifying rules of organization of minimal topic segments is compatible with the flexibility of this process.

**KEYWORDS:** Discourse topic. Topic organization. Textual-interactive grammar.

## Considerações iniciais

Um dos principais temas estudados no âmbito da Gramática Textual-interativa (GTI) é o processo de organização tópica do texto. Uma parte desse processo consiste na estruturação interna dos chamados “segmentos tópicos mínimos” (SegTs mínimos) em partes e subpartes. Dizendo de forma simplificada, apenas para iniciar a discussão, os SegTs mínimos são unidades de organização textual que seriam possivelmente equivalentes aos parágrafos no caso de certos gêneros textuais escritos, como no caso de um Artigo de Opinião, por exemplo.

Em outros trabalhos (PENHAVEL, 2010; GUERRA; PENHAVEL, 2011), temos defendido que a estruturação interna de SegTs mínimos constitui um processo altamente sistemático, no sentido de que, em cada gênero textual, é possível identificar uma regra geral de estruturação, de modo que a grande maioria dos SegTs mínimos de

---

\* Doutorado em Linguística; docente efetivo da Universidade Federal de Viçosa (UFV), *campus* de Rio Paranaíba, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, e docente colaborador do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas. Viçosa – MG – Brasil. E-mail: eduardopenhavel@yahoo.com.br.

um texto de determinado gênero é estruturada com base na regra geral desse gênero. No entanto, conforme concebemos nesses mesmos trabalhos, a existência de regras gerais de estruturação de SegTs mínimos não significa que esse processo seja radicalmente fixo, pré-moldado, imune à atuação da criatividade do falante. Na verdade, a sistematicidade da estruturação interna de SegTs mínimos convive com o caráter relativamente flexível dos fenômenos de natureza textual. É justamente essa interação entre regularidade e irregularidade composicionais que abordamos neste trabalho.

Nesse sentido, discutimos aqui a estruturação interna de SegTs mínimos, focalizando o lado flexível, ou assistemático, desse processo, com o objetivo de mostrar a convivência entre a flexibilidade e a sistematicidade do processo e, na mesma direção, com o objetivo de demonstrar que a postulação de regras de estruturação de SegTs mínimos, conforme consideramos, é condizente com tal flexibilidade.

Dessa forma, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção 1 a seguir, apresentamos uma síntese da GTI, enfocando a noção de SegT mínimo; na seção 2, apresentamos as regras gerais de estruturação de SegTs mínimos de dois gêneros textuais particulares; na seção 3, discutimos, então, alguns aspectos flexíveis desse processo nos dois gêneros em foco e analisamos como esses aspectos interagem com as regras gerais; na última seção, apresentamos as considerações finais.

## 1 A GTI e a noção de SegT mínimo

A GTI (JUBRAN; KOCH, 2006; JUBRAN, 2007) constitui uma vertente da Linguística Textual (KOCH, 2004), sendo, assim, uma abordagem que assume o texto como objeto de estudo. Especificamente, a GTI constitui um quadro teórico-metodológico que investiga os chamados “processos de construção do texto” (ou “processos constitutivos do texto”), assim como o conjunto das expressões linguísticas que os gerenciam. Esses processos são os de Topicalidade, Referenciação, Parentetização, Parafraseamento, Repetição e Correção; e as expressões linguísticas que gerenciam esses processos constituem os chamados Marcadores Discursivos. A estruturação interna de SegTs mínimos, objeto de análise do presente trabalho, constitui uma parte do processo de Topicalidade.

A Topicalidade (ou processo de Organização Tópica) consiste na organização do texto mediante a construção e articulação linear e hierárquica de grupos de enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de conjuntos de referentes concernentes entre si e em relevância em determinados pontos do texto (ver JUBRAN *et al.*, 2002; JUBRAN, 2006).

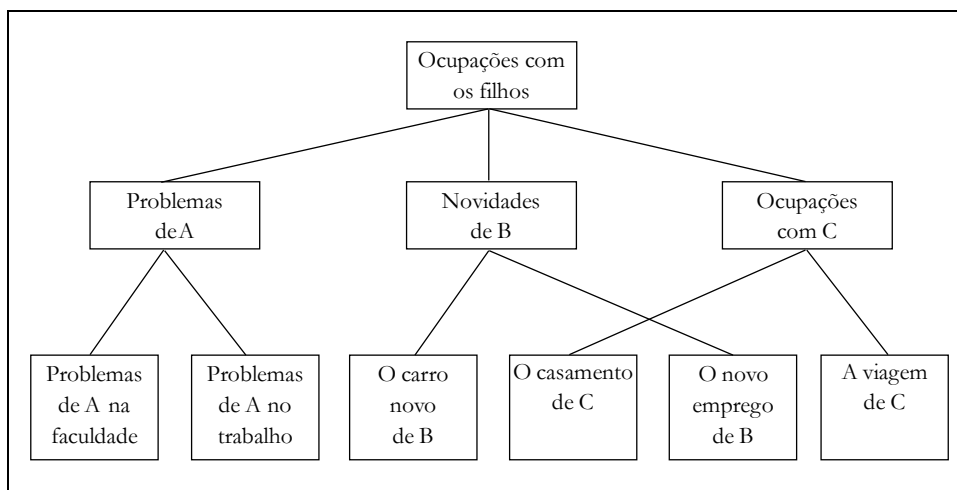
A título de ilustração, considere-se uma situação de interação verbal hipotética em que um casal conversa sobre os filhos A, B e C. No decorrer do texto, falam, em sequência, por exemplo, sobre (i) Os problemas de A na faculdade, (ii) Os problemas de A no trabalho, (iii) O carro novo de B, (iv) O casamento de C, (v) O novo emprego de B e (vi) A viagem de C. Cada um desses tópicos representa a centração dos falantes em um grupo de enunciados concernentes entre si e em relevância em certo ponto do texto, o que caracteriza a propriedade de *centração tópica*, uma das propriedades particularizadoras do processo de Topicalidade.

Observe-se, ainda, que esses agrupamentos de enunciados estão sequencialmente relacionados entre si, havendo entre eles mecanismos de transição, de marcação de relações semântico-discursivas etc. Além disso, há entres eles uma relação hierárquica. O primeiro e o segundo agrupamentos podem ser entendidos como compondo um agrupamento mais amplo, centrado na ideia “Problemas de A”; o terceiro e o quinto agrupamentos podem ser reunidos num conjunto maior (descontínuo) intitulado

“Novidades de B”; o quarto conjunto e o sexto poderiam ser vistos como partes de um conjunto mais abrangente (também descontínuo) intitulado “Ocupações com C”. E, similarmente, esses três agrupamentos mais amplos equivaleriam a partes de um tópico global, que poderia ser chamado de “Ocupações com os filhos”. Ou seja, o processamento do texto pelos falantes compreende o estabelecimento de relações sequenciais e hierárquicas entre grupos de enunciados. Essas relações caracterizam a propriedade de *organicidade tópica*, também particularizadora da Topicalidade.

A Figura 1 abaixo ilustra as relações de organização tópica na situação hipotética em pauta.

**Figura 1 – Exemplo hipotético de relações de organização tópica**



(Fonte: Elaboração própria)

O processo de Topicalidade, então, envolve essa formulação de grupos e subgrupos de enunciados concernentes entre si e em relevância em certos pontos do texto e o estabelecimento simultâneo de relações sequenciais e hierárquicas entre esses (sub)grupos de enunciados.

No âmbito desse processo, os grupos e subgrupos de enunciados formulados pelos interlocutores constituem as unidades chamadas de SegTs. No exemplo hipotético representado na Figura 1 acima, os trechos do texto correspondentes a cada um dos tópicos distinguidos nas caixas da Figura constituem SegTs; por exemplo, o segmento do texto correspondente ao tópico “Problemas de A na faculdade” constitui um SegT, o trecho mais amplo correspondente ao tópico “Problemas de A” constitui outro SegT, o trecho (descontínuo) correspondente ao tópico “Novidades de B” também constitui um SegT e assim por diante. Os menores SegTs do texto, isto é, os menores conjuntos de enunciados capazes de comportar a propriedade de *centração*, constituem, então, os chamados “SegTs mínimos”, que são as unidades aqui analisadas. No exemplo representado na Figura 1, os SegTs mínimos seriam os SegTs correspondentes aos seis tópicos encadeados no nível mais baixo da representação.

Como mencionado, temos defendido que a estruturação interna de SegTs mínimos em partes e subpartes é um processo altamente sistemático, passível de ser descrito em termos de regras gerais de estruturação. Na próxima seção, sintetizamos as regras características de dois gêneros textuais particulares que temos estudado, a saber, o gênero Relato de Opinião e o gênero Carta de Leitores, especificamente, cartas extraídas de jornais paulistas do final do século XIX.

## 2 Regras de estruturação interna de SegTs mínimos

Conforme discutimos em trabalho anterior (PENHAVEL, 2010), no gênero Relato de Opinião (GONÇALVES, 2007), os falantes estruturam os SegTs mínimos com base em uma variação entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos de enunciados que constroem referências subsidiárias em relação à ideia nuclear do SegT. Em outras palavras, o processo de estruturação interna de SegTs mínimos, naquele gênero, é norteado pela relação (ou princípio) *central-subsidiário*. No referido trabalho, também denominamos os grupos centrais de enunciados de *posição* e os grupos subsidiários, de *suporte*. Assim, dizemos também que, no gênero em foco, a estruturação do SegT mínimo está fundamentada na relação (ou princípio) *posição-suporte*.

O SegT mínimo em (1) abaixo ilustra esse esquema de organização tópica<sup>1</sup>.

(1)	então eu acho que <u>nossa cidade é uma das cidades boa</u> né	1
	porque nossa população é grande... e ainda tem os de fora também que (estuda) aqui né... porque cê vê (doc.: sei) quantos e quantos que vem de LONGE... cê vai no Hospital de Base lá cê fala –“ não eu num tô ”... de tanta ambulância que você vê de cidades de fora né...	2 3 4 5
	então eu acho que <u>nossa cidade é uma cidade boa</u> né...	6
	contentar todo mundo eu acho que o prefeito num vai contentar mesmo (doc.: num tem como né)... num tem como... ninguém vai contentar né...	7 8
	mas eu acho <u>uma cidade muito boa</u> e gosto daqui...	9
	inclusive num tenho vontade de mudar daqui não (doc.:é isso é verdade) vou morrer aqui mesmo tá(inint.) (IBORUNA: AC-132; RO: L.411-419)	10 11

Tendo em vista a propriedade da centração tópica, o tópico do SegT em (1) pode ser sintetizado como *Nossa cidade é uma cidade boa*. Observe-se que os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 expressam esse tópico de forma direta. Já os grupos de enunciados nas linhas 2-5, 7-8 e 10-11 abordam, cada um de uma forma particular, três ideias específicas que desenvolvem o tópico central *Nossa cidade é uma cidade boa*. Nas linhas 2-5, os enunciados veiculam a ideia de que a cidade é boa porque a população é grande e porque recebe, ainda, pessoas de outras cidades. Nas linhas 7-8, os enunciados são formulados a respeito do prefeito; afirma-se que a cidade é boa apesar de nem todos estarem satisfeitos com o prefeito, uma vez que seria normal tal insatisfação. Finalmente, nas linhas 10-11, os enunciados desenvolvem a ideia de que a interlocutora planeja não se mudar da cidade, o que seria apresentado como evidência da qualidade da cidade.

Assim, pode-se ver aí uma alternância entre grupos de enunciados que constroem referências centrais e grupos que constroem referências subsidiárias relativamente ao tópico do SegT. É esse tipo de alternância que constitui a relação *central-subsidiário*, ou *posição-suporte*. Nesse sentido, os enunciados nas linhas 1, 6 e 9 constituem três unidades de *posição*. São grupos de enunciados que sintetizam o tópico do SegT, que o expressam mais diretamente, que estabelecem mais

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, todos os SegTs de textos do gênero Relato de Opinião são extraídos do Banco de Dados IBORUNA, disponível em [www.iboruna.ibilce.unesp.br](http://www.iboruna.ibilce.unesp.br).

explicitamente o tópico. Já os demais grupos de enunciados constituem três *suportes*, isto é, grupos de enunciados que desenvolvem aspectos mais específicos do tópico.

A relação posição-suporte é uma relação potencialmente recursiva, no sentido de que grupos de enunciados que funcionam como posição ou suporte podem também ser estruturados internamente com base nessa mesma relação. Isso pode ser visto no SegT em (2a).

(2a)	bom e isso é uma parte d/da adolescência mas é claro que <u>a gente não tem...</u> só isso claro que	1
	<u>tem aquelas pessoas que sabem aproveitar</u> (sabe) aquelas pessoas que tão sempre contando...	2
	com a mãe... com o pai com a família... que é/ com o namorado claro mas o namorado	3
	também eu acho que (não) tem que ser tudo na vida a gente tem que... saber ter amigos <u>saber</u>	4
	<u>aproveitar...</u>	5
	<u>ir numa balada não precisa beber tudo o que tem na balada...</u> bebe o:: tem/o:: tanto	6
	que você acha que você vai agüentar... o tanto que você acha que vai ser legal pra	7
	VOcê se divertir não pra você passar mal...   porque <u>o bom de uma balada não é você</u>	8
	<u>beber e depois sair vomitando e ficar... né todo mundo lá te olhando feio tal...</u> (inint.)	9
	o legal é você beber pra ficar alegre... pra brincar não pra ficar estúpido com ninguém	10
	e tal... (IBORUNA: AC-22; RO: L.562-572)	11

Considerando que o tópico em (2a) seja “Saber aproveitar a adolescência”, pode-se analisar o trecho nas linhas 1-5 como posição, onde há referências mais diretas a essa ideia nuclear (como nos enunciados sublinhados), e o trecho nas linhas 6-11, como suporte, cuja ideia poderia ser sintetizada como “Beber moderadamente em uma balada” (vejam-se os enunciados sublinhados nesse trecho), o que seria uma forma particular de desenvolver o tópico “Saber aproveitar a adolescência”.

O suporte, por sua vez, pode ser também interpretado em duas partes. Os enunciados nas linhas 6-8 (até a barra) fazem referência mais direta à ideia “Beber moderadamente em uma balada” (observe-se, principalmente, o enunciado sublinhado na linha 6). Já os enunciados nas linhas 8-11 (a partir da barra) abordam essa ideia mais especificamente, desenvolvendo-a por meio de referências que podem ser sintetizadas como “O bom de uma balada não é beber exageradamente”. Nesse caso, a ideia veiculada nas linhas 8-11 (a partir da barra) parece funcionar como argumento para sustentar a ideia nuclear referida nas linhas 6-8 (até a barra).

Nesse sentido, o SegT em (2a) poderia ser analisado como em (2b).

(2b)	bom e isso é uma parte d/da adolescência mas é claro que <u>a gente não tem...</u> só isso claro que	1
	<u>tem aquelas pessoas que sabem aproveitar</u> (sabe) aquelas pessoas que tão sempre contando...	2
	com a mãe... com o pai com a família... que é/ com o namorado claro mas o namorado	3
	também eu acho que (não) tem que ser tudo na vida a gente tem que... saber ter amigos <u>saber</u>	4
	<u>aproveitar...</u>	5
	<u>ir numa balada não precisa beber tudo o que tem na balada...</u> bebe o:: tem/o:: tanto que você	6
	acha que você vai agüentar... o tanto que você acha que vai ser legal pra VOcê se divertir não	7
	pra você passar mal...	8
	porque <u>o bom de uma balada não é você beber e depois sair vomitando e ficar... né</u>	9
	<u>todo mundo lá te olhando feio tal...</u> (inint.) o legal é você beber pra ficar alegre... pra	10
	brincar não pra ficar estúpido com ninguém e tal...	11

De acordo com essa análise, no âmbito do SegT inteiro, o trecho nas linhas 1-5 é identificado como posição e o trecho nas linhas 6-11, como suporte, enquanto, no âmbito do segmento nas linhas 6-11, as linhas 6-8 são identificadas como posição e as linhas 9-11, como suporte.

No trabalho mencionado acima (PENHAVEL, 2010), analisamos um total de 64

SegTs mínimos identificados em textos do gênero Relato de Opinião e apuramos que a relação posição-suporte está na base da estruturação interna da maioria quase absoluta desses SegTs, com exceção de dois SegTs somente, o que representa apenas 3% dos casos aproximadamente. Esse dado quantitativo constitui uma das principais evidências que identificamos da natureza sistemática da estruturação de SegTs naquele gênero. Além disso, a recursividade da relação posição-suporte constitui um dado – qualitativo – relevante. Ela indica que a relação posição-suporte não consiste simplesmente numa noção ocasional, ligada isoladamente a uma ou outra parte do SegT, mas um princípio fundamental de organização, que perpassa toda sua estruturação textual-interativa.

Com base nesses dados principalmente é que consideramos, então, que a estruturação de SegTs mínimos no gênero Relato de Opinião constitui um processo altamente sistemático, que pode ser sintetizado em uma regra geral, da seguinte forma: no gênero Relato de Opinião, os SegTs mínimos são estruturados com base em uma variação potencialmente recursiva entre unidades de posição e unidades de suporte.

Considerando agora o gênero Carta de Leitor, no caso particular de cartas de jornais do Estado de São Paulo do final do século XIX (BARBOSA; LOPES, 2006), também é possível identificar um padrão de estruturação de SegTs mínimos. Conforme discutimos em Guerra e Penhavel (2011), as Cartas de Leitores em foco compartilham o objetivo fundamental de discorrer sobre determinada situação, exposta como sendo um problema, e reivindicar, implícita ou explicitamente, que alguma medida seja tomada no que se refere a tal situação. Vinculando-se, então, a esse propósito central, os SegTs mínimos manifestam uma unidade tópica que envolve a construção de uma situação-problema, unidade que denominamos de “Discussão”, podendo apresentar, ainda, normalmente na sequência, outra unidade especificamente dedicada a reivindicar algo sobre essa situação, unidade que chamamos de “Interpelação”. A Discussão compreende quatro subunidades potenciais, que rotulamos de “Abertura”, “Explicação”, “Avaliação” e “Fechamento”, as quais, conforme ocorram, obedecem, normalmente, a essa ordem sequencial.

O SegT mínimo em (3) abaixo ilustra a distinção entre as unidades de Discussão e Interpelação.

(3)	Senhor Redactor.    Está um bexiguento na populosa rua da Quitanda que   se mudou de uma casa	1
	de sobrado.    E' captivo de homem rico, podia ir para uma cha-   cara, e não se largar ali em um	2
	quarto, em uma rua tão   caminhada. Eu senhor Redactor já fui vacinada, e muito   vacinada, não	3
	pelas vacinas de agora, que negão fogo,   mas pelas do tempo do Horta: não é por mim que re-	4
	clamo, por ir fazer compras nessa rua para os meus es-   tudantes, que não relaxão a mimosa	5
	manteiga da casa   do senhor Miguel, e vinagre tambem; mas como me acom-   panha sempre uma	6
	pequenina, que me carrega o balai-   nho,	7
	peço que vejão isso, a bem das nossas leis, e inde-   pendencia da nossa constituição, e pacto	8
	fundamental,   que os ditos meus estudantes tanto fallão quando estão   fazendo o quilo.	9
	Miquelina do Amor Divino (BARBOSA & LOPES, 2006: Carta 456).	10

Nesse exemplo, no primeiro bloco de enunciados, o escrevente descreve o fato de um indivíduo enfermo (“um bexiguento”) estar vivendo em determinado local de sua cidade (“rua da Quitanda”) e expõe esse fato como um problema, argumentando, dentre outras coisas, que o local é muito movimentado (“populosa rua”, “rua tão caminhada”), que as vacinas da época não são eficazes (“vacinas de agora, que negão fogo”) e que crianças frequentam o local (“me acompanha sempre uma pequenina”). Esse bloco de enunciados exemplifica, assim, o que seria a unidade de Discussão. No bloco seguinte, o escrevente, de forma explícita, solicita que alguma medida seja tomada em relação a

esse fato (“peço que vejão isso”). Este segundo bloco de enunciados ilustra o que consideramos como sendo a unidade de Interpelação.

Como mencionado acima, a unidade de Discussão compreende quatro subunidades potenciais: Abertura, Explicação, Avaliação e Fechamento. A Abertura seria uma subunidade inicial da Discussão, especificamente dedicada a anunciar o tópico que será desenvolvido no restante do SegT. A Explicação manifesta-se quando há uma parte da Discussão com a função de descrever uma situação ou narrar um fato; ou seja, seria um conjunto de enunciados com a função de expor (ou, como o próprio nome indica, explicar) determinada situação. A Avaliação, por sua vez, é uma parte da Discussão destinada a uma análise crítica, uma análise qualitativa de dada situação, o que normalmente compreende uma qualificação negativa da situação em foco. O Fechamento, por fim, seria uma subunidade dedicada a encerrar a Discussão, parte depois da qual pode ser acrescentada a Interpelação referente à situação-problema abordada ao longo da Discussão. A unidade de Discussão no exemplo em (4) contém essas quatro subunidades.

(4)	Não posso deixar de levar ao conheci-   mento do povo honesto e principalemnte   do commercio	1
	da capital, o procedimento   pouco cavalheiro de um importante ne-   gociante atacadista desta	2
	praça - o senhor José   de Souza Macedo.	3
	O abaixo assignado há muito tempo que   occupava um predio de propriedade do di-   to	4
	negociante em quem depositava toda   confiança; e o mesmo abusando-a, exigiu-   me ultimamente	5
	uma contribuição de .....   300\$000 para despesas feitas na casa, o   que paguei e da qual nem ao	6
	meus exigi   recibo, comtudo isso não tem negado.    Mas, quando fiz tal pagamento, alleguei	7
	que tinha de mudar-me d'aquelle predio   e combinamos por eu o sublocar para mi-   nha couta:	8
	entretanto logo depois disse-   me elle que já estava compromettido com   alguém sobre a dita	9
	casa, mas que me re-   punha os 300\$000, cujas palavras foram ou-   vidas por pessoas dignas	10
	desta capital.    Parece incrível ! - o illustre cidadão aca-   ba de exigir-me a casa, negando vergo-	11
	nhosamente aquillo que disse, sem presar   a sua palavra de negociante abastado co-   mo o diz	12
	ser.	13
	Não faz mal, perco so 300\$000, e não obs-   tante ser elle rico, julgo precisar mais que   eu que sou	14
	um modesto ganhador de pão   para minha familia.    Faz-me lembrar com isto, os tempos em	15
	que o doutor Antonio Bento, fel-o pôr a   calva á mostra por questão de uns cor-   dões de ouro	16
	pertencentes a um d'aquelles por quem o illustre abolicionista prestou   relevantes serviços.    E' de	17
	admirar que um homem que pro-   pala tanta grandeza e tanta reputação   commercial, (o que não	18
	deixo de reconhe-   cer), deixe por uma quantia insignificante   manchar o seu nome perante	19
	aquelles que   presencearam este procedimento, e em   geral á todos os que o conhecem.	20
	Faça pois, bom proveito com aquella   quantia, que faço de conta ter feito doação   a um Azyo ou a	21
	algun necessitado (BARBOSA & LOPES, 2006: Carta 523).	22

No exemplo em (4), o escrevente discute uma atitude de determinado negociante da cidade (“o senhor José de Souza Macedo”). Observe-se que o trecho entre as linhas 1 e 3 tem essencialmente o papel de anunciar que o escrevente irá discorrer sobre esse tópico, constituindo, assim, o que consideramos como a subunidade de Abertura. Na sequência, entre as linhas 4 e 13, por meio de uma breve narrativa, o escrevente relata, então, qual foi esse procedimento (que seria o fato de tal negociante não ter cumprido com um acordo imobiliário e financeiro firmado com o escrevente). Ou seja, esse segundo trecho apresenta uma dada situação ou fato, representando, pois, uma instância do que seria a subunidade de Explicação. O trecho seguinte, da linha 14 à linha 20, é, então, essencialmente dedicado ao desenvolvimento de uma avaliação a partir da situação que acaba de ser relatada (na qual o escrevente reprova a atitude do negociante), sendo assim um exemplo da subunidade de Avaliação. Finalmente, o

trecho nas linhas 21 e 22 apresenta um comentário final sobre toda a Discussão, o que seria evidenciado, dentre outras coisas, pelo emprego do Marcador Discursivo *pois* na linha 21, e, dessa forma, esse trecho seria uma ocorrência do que consideramos como sendo a subunidade de Fechamento.

Nas análises que temos desenvolvido sobre as Cartas de Leitores em foco, o que mais tem chamado a atenção é a alta regularidade da forma de estruturação de SegTs mínimos descrita acima. Nessas análises, as (sub)unidades tópicas que puderam ser reconhecidas nos SegTs investigados foram sempre as cinco acima descritas, isto é, Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação, e, na grande maioria dos casos, essas (sub)unidades seguem essa ordem sequencial. É essa sistematicidade, referente aos (sub)tipos de unidades possíveis e à sua ordenação sequencial, que permite, a nosso ver, falar em uma regra geral de estruturação de SegTs mínimos nas Cartas de Leitores.

Em termos da ocorrência dessas (sub)unidades, o uso comum é que o SegT apresente apenas a Discussão (caso em que a reivindicação fica implícita) ou a Discussão e a Interpelação. Até o momento, identificamos que apenas 3,8% dos SegTs analisados talvez possam ser classificados como apresentando somente a unidade de Interpelação. Porém, trata-se de casos particulares de difícil interpretação, que ainda carecem de uma análise mais cuidadosa. De qualquer forma, mesmo que esses SegTs possam ser interpretados como contendo apenas a Interpelação, é possível dizer seguramente, dada a baixa incidência dessa alternativa, que o padrão (no sentido de regra geral) de construção de SegTs mínimos envolve a construção apenas da unidade de Discussão ou das duas unidades, isto é, Discussão e Interpelação.

Considerando as subunidades componentes da Discussão, quase todas as possibilidades de combinação podem ser verificadas, no sentido de quais subunidades ocorrem em um SegT particular. Por exemplo, a Discussão pode conter as quatro subunidades, pode conter Abertura e Explicação apenas, Explicação, Avaliação e Fechamento, pode ter somente Explicação e Fechamento etc. A Discussão pode apresentar, inclusive, somente a Explicação ou somente a Avaliação, categorias que se mostram perfeitamente capazes de compor sozinhas a unidade de Discussão e, inclusive, o próprio SegT todo. As únicas alternativas que não se verificam são, naturalmente, unidades de Discussão formadas apenas por Abertura, apenas por Fechamento ou apenas por essas duas subunidades juntas, de modo que, para uma Discussão se sustentar, é necessário que, pelo menos, ou Explicação ou Avaliação estejam presentes (as quais, como já dito, podem até aparecer sozinhas).

Em termos da ordenação sequencial das (sub)unidades do SegT, apuramos até o momento que, em 90% dos casos, a ordem é Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento, Interpelação (independentemente de quais dessas (sub)unidades ocorram num SegT particular), percentual suficientemente alto para que tal ordenação possa ser considerada como padrão.

Considerando, então, essas observações sobre a manifestação e a combinação de (sub)unidades, pode-se considerar, de fato, que existe uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos nas cartas de leitores em pauta, regra que pode ser enunciada da seguinte forma: em textos do gênero Carta de Leitor (particularmente, em cartas de jornais paulistas do final do século XIX), a estruturação interna de SegTs mínimos compreende a construção potencial das (sub)unidades de Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação, nessa ordem sequencial, sendo que, para cada SegT, pelo menos Explicação ou Avaliação deve ocorrer necessariamente.



### 3 Flexibilidade e sistematicidade do processo de estruturação interna de SegTs mínimos

Como dissemos acima, neste trabalho focalizamos o lado flexível da estruturação interna de SegTs mínimos, procurando mostrar a convivência entre a flexibilidade e a sistematicidade desse processo e procurando demonstrar que a postulação de regras de estruturação de SegTs mínimos, conforme consideramos, é condizente com essa flexibilidade. Discutimos aqui três tipos de situações que representariam a manifestação dessa flexibilidade. Em primeiro lugar, na seção 3.1, discutimos casos de SegTs cuja estruturação não segue apenas uma regra geral, ocorrendo, na verdade, a combinação de regras gerais diferentes em um mesmo SegT. Em segundo lugar, na seção 3.2, analisamos casos em que a estruturação de SegTs não segue a regra geral típica do gênero textual dos textos a que esses SegTs pertencem; ou seja, discutimos casos que se desviam do padrão de estruturação de SegTs naquele gênero. Em terceiro lugar, nas seções 3.3 e 3.4, abordamos aspectos flexíveis pressupostos nas próprias regras gerais de estruturação dos SegTs mínimos, isto é, analisamos SegTs que seguem as regras gerais, mostrando, porém, a flexibilidade que as próprias regras admitem.

#### 3.1 Integração de regras de diferentes gêneros textuais

A hipótese que temos perseguido e que temos conseguido comprovar até o momento é que, em cada gênero textual, há uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos, que norteia a estruturação da (grande) maioria dos SegTs de um texto. Naturalmente, isso não significa que a regra geral de um gênero seja a *única* regra utilizada pelos falantes para estruturar SegTs mínimos nesse gênero. Nesse sentido, uma situação possível é que partes ou subpartes de um SegT mínimo estruturado com base na regra geral de seu gênero sejam, internamente, estruturadas com base na regra geral de outro gênero. Isso é o que consideramos como sendo a integração de regras de diferentes gêneros textuais.

Considere-se o SegT em (5a) abaixo, extraído das Cartas de Leitores discutidas acima.

(5a)	Senhor redactor.    Sou uma assignante das suas folhas por minha con-   veniência e das meninas, 1 que gostão de ler os romances [...]. O seu jornal é muito boa cousa, benza-o Deus.    Mas para o 2 negocio é que elle não anda cá a minha satisfação.    3	
	Eu e as meninas vivemos das obras que fazemos e   dos ovos da nossa criação.    O senhor bota 4 sempre nos jornaes os preços dos co-   mestíveis e etc; mas não falla do preço das costuras,   nem 5 do valor dos ovos. 6	
	Isso é uma falta, perdoe-me.    Olhe, se não se costurasse, andavamos nús. Cre-   do, que 7 vergonha! Não acha?    E os ovos são muito peitoraes. Se em vez do expe-   diente do thesouro 8 vossa mercê pozesse o custo destas cousas,   olhe que havia de ter mais assignantes.    A tia 9 Escolastica prometteu-me que assignava se no   Correio fallasse dos preços da quitanda.    A pobre 10 tem dias que não sabe quanto hade pedir   por uma couve! 11	
	Vossa mercê veja se introduz este melhora-   mento [...] (BARBOSA & LOPES, 2006: Carta 474). 12	

Conforme dissemos na seção anterior, nas Cartas de Leitores, os SegTs mínimos podem apresentar as (sub)unidades de Abertura, Explicação, Avaliação, Fechamento e Interpelação. O SegT em (5a) apresenta Abertura (linhas de 1 a 3), Explicação (linhas

de 4 a 6), Avaliação (linhas de 7 a 10) e Interpelação (linha 12). Na Abertura, a escrevente anuncia que irá discorrer sobre sua insatisfação a respeito de como o jornal trata dos negócios. Na Explicação, relata o fato de o jornal não veicular, em particular, o preço de determinado serviço (“preço das costuras”) e de determinado produto (“valor dos ovos”). Em seguida, na Avaliação, a escrevente avalia negativamente esse fato, o que fica evidente pelo início do trecho (“Isso é uma falta, perdoe-me.”). Finalmente, na Interpelação, ela reivindica que uma solução seja tomada. Trata-se, pois, de um SegT que, em sua estruturação global, segue normalmente a regra geral do gênero em pauta.

Observe-se agora que a subunidade de Avaliação, em particular, estrutura-se internamente com base na regra geral do gênero Relato de Opinião, isto é, com base na relação posição-suporte, conforme representado em (5b).

(5b)	Isso é uma falta, perdoe-me.	1
	Olhe, se não se costurasse, andavamos nós. Cre-   do, que vergonha! Não acha?	2
	E os ovos são muito peitoraes.	3
	Se em vez do expe-   diente do thesouro vossa mercê pozesse o custo destas cousas,   olhe	4
	que havia de ter mais assignantes.    A tia Escolastica prometeu-me que assignava se no	5
	Correio fallasse dos preços da quitanda.    A pobre tem dias que não sabe quanto hade pedir	6
	por uma couve!	7

A nosso ver, a ideia central defendida na subunidade de Avaliação é a de que é um (sério) problema o fato de o jornal não anunciar os preços da costura e dos ovos, opinião explicitamente exposta na linha 1, que constituiria, então, uma unidade de posição. Em seguida, a escrevente elenca três argumentos específicos para sustentar essa posição: na linha 2, argumenta em favor da importância das costuras; na linha 3, defende a importância dos ovos; entre as linhas 2 e 7, aventa que, se as notícias em foco fossem veiculadas, o número de assinantes do jornal aumentaria. Assim, esses três conjuntos de enunciados (linhas 2, 3 e 4-7) constituiriam três unidades de suporte, e o trecho todo em (5b) apresentaria a estrutura posição-suporte-suporte-suporte.

Na mesma direção, o próprio suporte nas linhas de 4 a 7 também se estrutura, recursivamente, com base na relação posição-suporte. Nesse trecho, a ideia nuclear é que a publicação dos anúncios reivindicados teria como consequência o aumento do número de assinantes do jornal. Isso é claramente expresso nas linhas 4 e 5 (até “assignantes”), segmento que seria, então, a unidade de posição no âmbito do trecho nas linhas 4-7. Já, nos enunciados a partir de “A tia Escolastica”, a escrevente fornece um dado particular como comprovação do possível aumento do número de assinantes, de modo que este último grupo de enunciados pode ser visto como suporte dentro do trecho nas linhas 4-7. Assim, o segmento em (5b) pode ser segmentado, finalmente, como em (5c).

(5c)	Isso é uma falta, perdoe-me.	1
	Olhe, se não se costurasse, andavamos nós. Cre-   do, que vergonha! Não acha?	2
	E os ovos são muito peitoraes.	3
	Se em vez do expe-   diente do thesouro vossa mercê pozesse o custo destas cousas,   olhe	4
	que havia de ter mais assignantes.	5
	A tia Escolastica prometeu-me que assignava se no   Correio fallasse dos preços da	6
	quitanda.    A pobre tem dias que não sabe quanto hade pedir   por uma couve!	7

O exemplo em (5a-c) mostra, então, o que estamos considerando como a integração de regras gerais de diferentes gêneros. Nos SegTs mínimos das Cartas de Leitores aqui em pauta, a subunidade de Avaliação (assim como as demais subunidades) normalmente não apresenta complexidade interna em termos de partes e subpartes de natureza tópica; a Avaliação, em geral, é constituída pelo encadeamento de (conjuntos de) enunciados equivalentes entre si em termos de estatuto tópico, isto é, (conjuntos de) enunciados topicamente equipolentes entre si. Porém, a Avaliação no caso do SegT em (5a-c) apresenta complexidade interna, a qual toma como base a regra de estruturação típica do gênero Relato de Opinião.

O SegT mínimo em (6a), novamente extraído das Cartas de Leitores, também ilustra essa integração de regras.

(6a)	Uma idéia ! como diz o Freire.    Não seria mais economico e até mais convenien-	te, que, a nossa	1
	illustre camara municipal, em vez   de ir gastar oitenta contos de réis no projectado	mercado de	2
	verduras, lá na rua do Acù, mandasse   construir um ligeiro coberto ali no antigo becco	das Minas,	3
	com mezas e o mais indispensavel para   servir de mercado de verduras ?	Os quitandeiros que	4
	vivem deste ramo de nego-	cio são em pequeno numero e jámais poderão en-	5
	para mercado no qual se pretende   gastar 80:000\$000.	E demais um mercado no centro da	6
	cidade é   muito mais conveniente do que collocado quasi que em um arrebaldo, e precisando para		7
	lá ir-se   descer e subir ladeira.		8
	Em todo caso é uma idéa que apresento, para a   qual não peço privilegio de invenção, mas que pa-		9
	rece-me deve merecer a atenção dos illustres ve-	readores (BARBOSA & LOPES, 2006: Carta	10
	520).		

Em sua estruturação global, esse SegT manifesta o esquema de estruturação padrão do gênero Carta de Leitores. Apresenta a unidade de Discussão (linhas de 1 a 8), seguida da unidade de Interpelação (linhas 9 e 10). Na Discussão, o escrevente discorre sobre o local e sobre o valor financeiro da construção de determinado estabelecimento comercial (“mercado de verduras”). Na Interpelação, solicita (indiretamente) atenção dos vereadores para a questão discutida.

Como dito acima, nas Cartas de Leitores, a unidade de Discussão, via de regra, compreende as subunidades (potenciais) de Abertura, Explicação, Avaliação e Fechamento. Porém, no SegT em (6a), a Discussão estrutura-se com base na relação posição-suporte, conforme analisado em (6b) abaixo.

(6b)	Uma idéia ! como diz o Freire.    Não seria mais economico e até mais convenien-	te, que, a nossa	1
	illustre camara municipal, <u>em vez   de ir gastar oitenta contos de réis no projectado  </u>	<u>mercado de</u>	2
	<u>verduras, lá na rua do Acù, mandasse  </u> construir um ligeiro coberto ali no antigo becco	<u>das Minas,</u>	3
	com mezas e o mais indispensavel para   servir de mercado de verduras ?		4
	Os quitandeiros que vivem deste ramo de nego-	cio são em pequeno numero e jámais	5
	poderão en-	cher um edificio para mercado no qual se pretende   gastar 80:000\$000.	6
	E demais um mercado no centro da cidade é   muito mais conveniente do que collocado		7
	quasi que em um arrebaldo, e precisando para lá ir-se   descer e subir ladeira.		8

Na Discussão em foco, o escrevente defende a ideia de que o mais adequado seria construir “um ligeiro coberto” “no antigo becco das Minas”, e não “o projectado mercado de verduras” “na rua do Acù”. Na representação em (6b), essa ideia é

explicitada nas linhas de 1 a 4, que constituíram, então, a unidade de posição<sup>2</sup>. Em seguida, o escrevente elenca dois argumentos a esse respeito: nas linhas 5 e 6, prevê um baixo número de usuários do futuro estabelecimento, o que tornaria desnecessária a construção de um estabelecimento grande e oneroso; nas linhas 7 e 8, argumenta que a construção do futuro estabelecimento no centro da cidade (isto é, “no antigo becco das Minas”) seria muito mais conveniente em termos de localização. Assim, os segmentos nas linhas 5-6 e 7-8 constituiriam duas unidades de suporte.

Em síntese, por meio desses exemplos, procuramos mostrar a integração de regras gerais de diferentes gêneros textuais. Essa integração representa um aspecto da flexibilidade do processo de estruturação de SegTs mínimos, porque significa que, num determinado texto, esse processo não é, necessariamente, restrito à aplicação de apenas uma regra. Ao mesmo tempo, é interessante observar que essa integração não contradiz a ideia de que a estruturação dos SegTs, em cada gênero, seja norteada por uma regra geral, principalmente porque, em SegTs de um gênero, a presença de regras de outros gêneros é um fato pouco recorrente, pelo que temos constatado. Nesse sentido, é também interessante notar que, em casos como os discutidos nesta seção, o que aparece de diferente na estruturação de um SegT é um esquema de organização tópica que, em outro gênero, é justamente uma *regra geral*, o que, em certa medida, até corrobora a existências de padrões de estruturação de SegTs.

### 3.2 Variação na regra geral de um gênero textual

A noção de “regra geral de estruturação de SegT mínimo” que consideramos pressupõe, como qualquer noção de *regra geral*, uma regra aplicada na *maioria* das vezes, não necessariamente em *todas* as vezes, em que dado fenômeno ocorre. Assim, é perfeitamente possível que, num texto de determinado gênero, alguns SegTs não sejam estruturados de acordo com a regra geral daquele gênero. Quando a estruturação de um SegT mínimo não segue a regra geral de seu gênero, o SegT, dentre outras alternativas, pode ser estruturado com base na regra geral de algum outro gênero, com base em algum esquema de organização tópica totalmente esporádico, ou mesmo com base em alguma variação, adaptação ou transgressão não sistemáticas efetuadas sobre a própria regra geral do gênero a que o SegT pertence. Nesta seção, analisamos alguns casos não-sistemáticos de estruturação de SegTs mínimos que, parece-nos, podem ser vistos como tipos de variação em relação à regra geral do gênero do texto de onde são extraídos esses SegTs.

Considere-se o SegT em (7).

(7)	Senhor Redactor. – Urge uma providen-   cia por parte da companhia de bonds.	1
	Anteriormente, o martyrio das pobres   bestas era na subida da rua Nova de São   José, apesar de	2
	trabalharem ahí tres e   quatro animaes.    Hoje, que evitou-se aquella grande   subida, dá-se o	3
	facto de admittir-se em   cada bond numero extraordinario de   passageiros que darião para encher	4
	dous   bonds, de sorte que, principalmente na   forte subida da rua da Constituição, é   horrível o	5
	que se vê, isto é, dous ani-   maes sómente puxarem aquelle mons-   truooso peso debaixo de grossa	6
	pancadaria!    Ainda ante-hontem vimos tão revol-   tantes e ao mesmo tempo commovedoras	7
	scenas, que tornão o passeio de bond   um verdadeiro incommodo.    Muitos passageiros	8
	(BARBOSA & LOPES, 2006: Carta 516).	

<sup>2</sup> Em (6b), nas linhas de 1 a 4, o escrevente apresenta uma pergunta. Porém, a nosso ver, trata-se de uma pergunta retórica, de modo que sua intenção seria, na verdade, expor o conteúdo da pergunta como uma opinião ou sugestão; por isso, esse trecho poderia ser visto como uma unidade de posição.

Esse SegT é extraído das Cartas de Leitores. Como explicado, nessas cartas, de acordo com a regra geral, quando há a unidade de Interpelação, esta ocorre após a unidade de Discussão. Porém, em (7), essa ordem é invertida. Primeiramente, na linha (1), o escrevente constrói uma unidade de Interpelação, onde formula uma reivindicação (indireta) sobre a necessidade de “uma providencia por parte da companhia dos bonds”. Em seguida, no trecho da linha 2 à linha 8, apresenta uma unidade de Discussão, na qual descreve a situação que o teria levado à reivindicação feita anteriormente.

Em (8), também é possível observar uma alteração na ordem padrão das (sub)unidades dos SegTs das Cartas de Leitores.

(8)	Senhor Redactor do Correio Paulistano    – Digne-se Vossa Senhoria pôr a luz do meio dia   as	1
	poucas reflexões que passamos a diri-   gir-lhe acerca de dois objectos bem dis-   tinctos.	2
	Em todos os paizes civilisados a illu-   minação das ruas, mormente nas capitaes   e cidades	3
	populosas, tem sido sempre re-   conhecida como uma das primeiras neces-   sidades; entre nós	4
	porém, a illuminação   da capital, parece que é mais uma pen-   ção ao contractador, com meio de	5
	vida   particular do que um serviço publico	6
	Nos arrabaldes da cidade jamais se acen-   dem os lampiões, e no interior é uma   formalidade que	7
	dura poucas horas; de-   madrugada, oh! que bellas madrugadas   para os presos que fogem da	8
	cadeia! é   um inferno de Dante, escuridão comple-   ta, e a algumas distancias como diz Mil-   ton,	9
	uma pequena luz quanto baste para   mostrar o horror das trevas.	10
	Pedimos   a Sua Excelência o Senhor presidente que olhe para   esta lastima (BARBOSA &	11
	LOPES, 2006: Carta 442).	

Nas linhas 1 e 2 do SegT em (8), o escrevente anuncia que irá tratar de dois assuntos (um deles tratado nesse próprio SegT e outro, no SegT seguinte, na continuação da carta); as linhas 1-2 constituem, assim, uma subunidade de Abertura. Na sequência, nas linhas 3-6, o escrevente já constrói uma subunidade de Avaliação, analisando o problema da iluminação pública das ruas da capital. Depois disso, então, é que o escrevente formula a Explicação, nas linhas 7-10, onde descreve especificamente a situação da iluminação nas ruas da capital. Finalmente, na linha 11, apresenta uma Interpelação referente ao problema em pauta. Ou seja, esse SegT apresenta a ordem Abertura-Avaliação-Explicação-Interpelação, uma ordem relativamente diferente da ordem padrão, que, conforme descrito acima, traz a Explicação antes da Avaliação.

No caso da estruturação de SegTs de textos do gênero Relato de Opinião, parece mais difícil identificar exemplos que não seguem a regra geral do gênero, isto é, a estruturação em termos da relação posição-suporte. Pelo menos até o momento, não chegamos a encontrar SegTs estruturados segundo outro esquema que não a combinação de unidades de posição com unidades de suporte. Todavia, parece-nos possível que um SegT seja constituído por um grupo de enunciados que corresponda a uma unidade de posição, sem apresentar nenhuma unidade de suporte, isto é, seria um SegT constituído apenas por uma posição e nada mais. Tal situação poderia ocorrer em SegTs pouco extensos, quando um falante apenas formula uma ideia, apenas introduz uma opinião sobre determinado assunto, sinteticamente, sem chegar a desenvolvê-la por meio de alguma continuação que, caso existisse, poderia vir a ser um suporte. Um SegT que talvez representasse esse tipo de situação seria o transcrito em (9) abaixo.

- (9) como ciência... a política:: a brasileira... principalmente... é:: muito bonita ma::s a forma como ela é usada... ela se torna::... degradante éh:: de uma forma assim éh bastante deturpante... e:: infelizmente éh:: no Brasil éh:: tanto a nível municipal estadual e federal ela é usada... muito errada... se fosse utilizada como deve ser seria muito bonito e muito bom para o país mas infelizmente não é assim que a usam... (IBORUNA: AC-113; RO: L.201-205)

A nosso ver, esse SegT não poderia ser segmentado em uma unidade de posição e uma de suporte. Parece-nos que todo o trecho seria uma unidade única, de posição, na qual o falante apenas expõe a opinião de que a política brasileira é praticada de modo degradante, sem chegar a dar continuidade a esse tópico por meio de algum tratamento mais específico. De qualquer forma, mesmo que esse exemplo em particular não seja satisfatoriamente representativo, a situação em foco parece-nos possível, o que seria também uma situação de variação não-sistemática de uma regra geral de estruturação de SegTs.

Enfim, a possibilidade de variação sobre regras gerais de estruturação é também um exemplo do correlato flexível da estruturação de SegTs mínimos, que evidencia a natureza não radicalmente sistemática desse processo, o que é justamente um dos pontos que queremos destacar neste trabalho. Por outro lado, como esse tipo de variação tem se mostrado periférico, no sentido de pouco recorrente, pode-se dizer que se trata de uma flexibilidade que convive com o caráter essencialmente sistemático do processo, sem, contudo, contradizer esse caráter.

### 3.3 *Transição não necessariamente discreta entre partes e subpartes do SegT*

Conforme estamos considerando, a estruturação do SegT mínimo compreende um encadeamento de (sub)unidades, isto é, o sequenciamento de (sub)unidades, a organização de uma após a outra. No entanto, essa linearização não implica, como se poderia pensar, que a transição entre uma (sub)unidade e outra seja, necessariamente, pontual, estanque; ou seja, não se trata de haver, necessariamente, um ponto exato de mudança entre uma (sub)unidade e outra. A passagem de uma para outra pode, de fato, ter um ponto preciso, explicitado por Marcadores Discursivos, por exemplo, dentre outros mecanismos, como ocorre em muitos casos (aparentemente, na maioria das vezes), mas pode haver várias outras possibilidades. Pode haver enunciados cuja função é justamente fazer a transição entre (sub)unidades, os quais não pertenceriam exatamente nem à (sub)unidade anterior nem à posterior; pode haver sobreposição de (sub)unidades, no sentido de certos enunciados integrarem simultaneamente o final de uma (sub)unidade e o início da (sub)unidade posterior; pode haver enunciados intermediários ambíguos em termos de seu lugar na estruturação do SegT etc.

Jubran (2006) identifica algumas formas específicas de transição, no caso da transição *entre* SegTs mínimos. A autora distingue os seguintes procedimentos (além dos processos básicos de “continuidade” e “descontinuidade” tópicos): (i) “transição de tópicos”, que promove uma passagem gradual de um tópico a outro; (ii) “superposição de tópicos”, quando dois tópicos diferentes convivem temporariamente num determinado ponto do texto; (iii) “movimento de tópico”, quando os interlocutores realizam um deslizamento de um para outro aspecto do mesmo tópico”. A nosso ver, processos similares a esses podem ocorrer no interior dos SegTs mínimos, no caso da transição entre suas (sub)partes constituintes.

A questão em foco pode ser observada no SegT em (10), extraído de texto do gênero Relato de Opinião.

(10)	<b>olha</b> o que eu posso dizer... <u>eu gosto de São José do Rio Preto</u> ...	1
	<b>cê vê</b> há trinta e tantos anos né trinta e três anos que eu mudei prá cá:... quando eu mudei	2
	prá cá... nem a minha rua num era asfaltada... (aqui era um bairro) jardim Urano... naquele	3
	tempo era UM BAIRRO... hoje num se considera mais como um bairro... hoje é quase como	4
	no centro da cidade... né (doc.: certo)	5
	<b>e eu gosto é uma cidade que eu gosto</b> ...	6
	eu acho uma cidade lim::pa... bem organiza::da... nosso prefeito também... eu acho que esse	7
	prefeito fez bastante coi::sa... porque tudo lugar que você va::i tá tudo mundo... tá tudo bem	8
	arrumadi::nho... né... <b>cê vê</b> –“ah o prefeito num faz nada” – faz sim é que você não sai de	9
	casa... prá você ver as benfeitoria que ele fez... passa no Hospital de Ba::se... que é um	10
	hospital né (doc.: éh) que tem socorrido não só os de Rio Preto como os de fora também	11
	<b>então</b> <i>eu acho assim que a nossa cidade ((ruído)) é grande... um porte grande... bastante habitan::tes né... eu num</i>	12
	<i>tenho queixa não... eu gosto de Rio Preto toda vida... eu gostei de Rio Preto</i> ...	13
	eu morei... em Pindorama onze anos né que eu me casei fui prá... Pindorama... morei onze	14
	anos em Pindorama... e aqui eu tô com trinta e três/ três prá trinta e quatro anos que eu tô	15
	morando aqui né...	16
	<b>mas eu gosto de Rio Preto</b> ... gosto... acho uma cidade muito bo::a... (IBORUNA: AC-132; RO: L.376-392)	17

O tópico desse SegT pode ser sintetizado como “Gostar de São José do Rio Preto”. Tendo isso em vista, a segmentação feita em (10) distingue os quatro conjuntos de enunciados nas linhas 1, 6, 12-13 e 17 como quatro unidades de posição. Já os conjuntos nas linhas 2-5, 7-11 e 14-16 seriam unidades de suporte, as quais desenvolveriam, respectivamente, as ideias mais específicas “Progresso da cidade”, “Limpeza e organização da cidade e benfeitorias do prefeito”, “Residência na cidade há 33 anos”.

Nesse SegT, quase todas as transições entre unidades de posição e suporte têm pontos bastante (senão totalmente) precisos. Das quatro unidades de posição, três (as unidades das linhas 1, 6 e 17) iniciam-se (e são quase inteiramente formadas) por enunciados muito similares entre si (conforme sublinhado no exemplo). Esse recurso, dentre outros como o uso de Marcadores Discursivos (destacados em negrito), facilita a delimitação dessas unidades em relação a unidades anteriores e/ou posteriores. Por exemplo, na transição da linha 5 para a linha 6, o falante deixa de discorrer sobre um bairro específico da cidade, introduz o marcador “e” e já apresenta os enunciados “eu gosto é uma cidade que eu gosto”, sintetizadores do tópico e caracterizadores da função de posição. Imediatamente após estes enunciados, o falante (na passagem da linha 6 para a linha 7) já segue para enunciados mais específicos (“eu acho uma cidade limpa”), deixando, assim, bastante evidente o início de nova unidade de suporte. Esse tipo de transição mais estanque pode ser visto também entre a posição na linha 1 e o suporte nas linhas 2-5, entre a posição finalizada na linha 13 e o suporte nas linhas 14-16, bem como entre este último suporte e a posição final na linha 17.

No entanto, a transição entre o suporte nas linhas 7-11 e o trecho distinguido como posição nas linhas 12-13 já não parece igualmente claro. No início da linha 12, o falante enuncia o marcador “então”, a nosso ver, um forte indicador de mudança de unidade tópica. Além disso, a mudança de entonação nesse ponto (perceptível pela escuta da gravação do relato) também é indicativa de mudança de unidade tópica. Porém, após o item “então”, o falante profere enunciados (destacados em itálico) que poderiam ser entendidos como específicos em relação ao tópico nuclear do SegT, e

apenas mais adiante na linha 13 é que o falante apresenta enunciados similares àqueles das demais unidades de posição (conforme sublinhado) e que estariam certamente envolvidos com a construção de uma unidade de posição. Assim, parece mais difícil decidir se os enunciados intermediários em itálico fariam parte da unidade anterior de suporte ou se integrariam a unidade de posição (como segmentado no exemplo). Tais enunciados, na verdade, parecem justamente representar a situação de transição entre unidades.

O ponto central que queremos destacar aqui é o de que, embora, com efeito, seja difícil definir o estatuto tópico do trecho em itálico nas linhas 12 e 13, talvez justamente porque ele não tenha um estatuto bem definido (até mesmo para os próprios falantes), não há dúvida, a nosso ver, de que o conjunto de enunciados nas linhas de 7 a 11 faz parte de um suporte, nem há dúvida de que o trecho sublinhado na linha 13 integra (sozinho ou acompanhado de enunciados anteriores) uma posição; a única coisa que não haveria seria um ponto claro de passagem de suporte a posição. Ou seja, apesar de a construção do SegT atravessar uma fase de certa instabilidade funcional, o que estaria guiando o falante, em última instância, ainda seria a relação posição-suporte.

Essa situação ilustra exatamente uma das características da estruturação interna de SegTs mínimos conforme a concebemos: por um lado, esse processo compreende o encadeamento de unidades com fronteiras possivelmente maleáveis, flexíveis; por outro, trata-se de uma flexibilidade que não chega a impedir a apreensão (tanto por parte dos falantes, quanto por parte do analista) do sequenciamento de unidades estruturantes. Em outras palavras, o que se vê aí, novamente, é a convivência entre sistematicidade e assistematicidade na construção do SegT mínimo.

### ***3.4 Simultaneidade e predominância de funções nas (sub)unidades do SegT***

A noção de estruturação interna de SegTs mínimos que temos desenvolvido diz que um SegT mínimo contém diferentes unidades e subunidades, sendo que cada (sub)unidade exerce uma função particular dentro do SegT. Assim, num SegT mínimo de um texto do gênero Relato de Opinião, haverá (sub)unidade(s) com função de posição e (sub)unidade(s) com função de suporte. Nas Cartas de Leitores, cada (sub)unidade de um SegT será caracterizada pelo papel de Abertura, de Avaliação, de Explicação, de Fechamento ou de Interpelação. No entanto, isso não significa, de forma alguma, que uma (sub)unidade caracterizada por determinada função contenha, necessariamente, apenas enunciados ligados a essa função caracterizadora da (sub)unidade; na verdade, uma (sub)unidade caracterizada por uma função pode apresentar, secundariamente, algumas expressões ou alguns enunciados ligados a outra função. Ou seja, as (sub)unidades estruturantes de um SegT caracterizam-se e distinguem-se das demais não em termos da exclusividade, mas da predominância de determinada função, isto é, da maior relevância de determinada função no contexto da construção do SegT.

Por exemplo, identificar, em um SegT, as subunidades de Explicação ou de Avaliação não significa que, na Explicação, haja apenas a explicação de determinado fato; pode haver também certa análise desse fato. E vice-versa, quer dizer, dentro da subunidade Avaliação, pode haver também alguma explicação do fato em análise. O que ocorre quando distinguimos essas subunidades é a predominância de explicação ou de avaliação, e não, obviamente, a exclusividade de uma ou outra. O que permite interpretar e classificar um conjunto de enunciados como Explicação, por exemplo, seria o papel desse conjunto como um todo no contexto global de estruturação do SegT, isto é, seria sua relevância como explicação, embora possa haver ali também enunciados avaliativos.



Essa presença de uma função secundária no interior de uma (sub)unidade na qual predomina outra função verifica-se, dentre outras formas, por meio da inserção de *expressões linguísticas* e/ou de *enunciados inteiros* vinculados à função secundária no interior da unidade na qual predomina outra função. O exemplo em (11), extraído das Cartas de Leitores, ilustra essa simultaneidade de funções. No caso, pode ser observada a inserção de certas expressões linguísticas ligadas a uma função secundária.

(11)	Senhor Redactor.    Está um bexiguento na populosa rua da Quitanda que   se mudou de uma casa de sobrado.    E' captivo de homem rico, podia ir para uma cha-   cara, e não se largar ali em um quarto, em uma rua tão   caminhada.	1 2 3
	Eu senhor Redactor já fui vacinada, e muito   vacinada, não pelas vacinas de agora, que negão fogo,   mas pelas do tempo do Horta: não é por mim que re-   clamo, por ir fazer compras nessa rua para os meus es-   tudantes, que não relaxão a mimosa manteiga da casa   do senhor Miguel, e vinagre também; mas como me acom-   panha sempre uma pequenina, que me carrega o balai-   nho, [...]	4 5 6 7
	(BARBOSA & LOPES, 2006: Carta 456).	

O trecho em (11) corresponde à unidade de Discussão do SegT transcrito em (6) acima. Os enunciados nas linhas de 1 a 3 constituem uma subunidade de Explicação, e os enunciados nas linhas de 4 a 7 perfazem uma subunidade de Avaliação. Na Explicação, o escrevente relata o fato de um “bexiguento” estar vivendo em um quarto na rua da Quitanda, fato avaliado como negativo na sequência, na subunidade de Avaliação. Observe-se que a própria subunidade de Explicação já apresenta uma carga valorativa negativa. Ocorrem aí as qualificações “populosa”, em “populosa rua da Quitanda”, e “tão caminhada”, na expressão “uma rua tão caminhada”, que parecem indicar a gravidade de um indivíduo enfermo habitar um lugar onde há grande circulação de pessoas. Também ocorre aí a expressão “se largar”, que parece assumir um valor pejorativo em oposição a expressões como “residir”, “morar”, “viver” etc. Assim, observam-se aí antecipações avaliativas já dentro da subunidade de Explicação.

Os exemplos em (12) e (13) mostram unidades de Interpelação que manifestam também expressões claramente avaliativas, conforme destacado (o trecho em (12) constitui a unidade de Interpelação do SegT transcrito acima em (8)).

(12)	Pedimos   a Sua Excelência o Senhor presidente que olhe para   esta <i>lastima</i> (BARBOSA & LOPES, 2006: Carta 442).
(13)	Em vista desta <i>patacuada</i> peçam Vossas mercês   ao Senhor Godoi que não progrida; póde ap-   parecer algum Turco que lhe dê um bom   cachimbo (BARBOSA & LOPES, 2006: Carta 444).

Os trechos em (12) e (13) constituem evidentemente unidades de Interpelação, assim caracterizadas, dentre outros fatores, pelas presenças do performativo “pedimos”, no primeiro caso, e do imperativo “peçam”, no segundo. Como pode ser visto, os exemplos apresentam, respectivamente, as expressões “lastima” e “patacuada” (encapsuladoras das unidades de Discussão anteriores em seus respectivos SegTs), que claramente manifestam conteúdo avaliativo, veiculando, especificamente, avaliações negativas.

O SegT em (14) ilustra situação similar.

(14)	éh:: veja bem o::/ o governo Lula... era um... um governo de esperança do povo brasile(i)ro... teve aí	1
	essa votação maciça... então muito grande esperan/ expectativa estava o povo brasile(i)ro... mas::	2
	num mudô(u) muito não... <i>ele tro(u)xe pra si... éh:: alguns assessores ministros... éh:: da antiga política...</i> então	3
	num houve num creio que houve muita mudança não... éh::	4
	aquilo que ele prometeu demais... na:: na sua/ na sua campanha... nada... foi feito... éh:: então	5
	o povo brasile(i)ro tá um pouco decepcionado embora alguns tenha... éh:: estejam gostando...	6
	eles são mais fanáticos... estejam gostando do seu trabalho... éh::	7
	mas eu num vejo como diferente de o(u)tros... governos aí anteriores... num tô vendo nada	8
	disso diferente... éh:: tudo que ocorria continua ocorrendo...	9
	infelizmente... éh:: tem que qualquer:: presidente... éh::... que estivé(r) no poder... tenha que	10
	fazê(r) as negociatas... com o poder Legislativo... pra que ele consiga... algum projeto... éh::...	11
	então é muito difícil... éh realmente se governá(r) nesse país... e também seria:: é aliás é o	12
	correto porque não a negociação... mas que o:: Legislativo tenha poder também... para que	13
	nós não tenhamos aí um/ um ditador qualquer que venha... e::... leve o nosso país... a uma	14
	ditadura a uma::... situação aí... que venha trazê(r) problemas para o povo... [...] (BORUNA: 15	15
	AC-113; RO: L.239-254).	

Assumindo que o SegT em (14) desenvolva o tópico “Ausência de mudança com o governo Lula”, consideramos que os trechos nas linhas 1-4 e 8-9 constituem unidades de posição, enquanto os trechos nas linhas 5-7 e 10-15 constituem unidades de suporte, as quais desenvolvem, respectivamente, ideias que podem ser denominadas como “Decepção do povo brasileiro” e “Caráter inevitável de negociatas com o Legislativo”. Tendo em vista essa segmentação, observe-se que, no interior da primeira posição, aparece o enunciado “ele tro(u)xe pra si... éh:: alguns assessores ministros... éh:: da antiga política”. Como se pode notar, tal enunciado veicula uma informação específica em relação à ideia nuclear da ausência de mudança no governo Lula, informação essa que claramente contribui para sustentar a ideia nuclear do SegT. No entanto, a nosso ver, esse enunciado não chega a ter relevância textual-interativa suficiente para se destacar como uma unidade de suporte na estrutura do SegT, ao contrário do que ocorre nos trechos nas linhas 5-7 e 10-15, que desenvolvem mais detalhadamente suas respectivas ideias, a ponto de ascenderem ao estatuto de unidades de suporte. Assim, o enunciado em foco em (14) seria, para nós, um exemplo de um enunciado com função de suporte no interior de uma unidade de posição.

Em síntese, as (sub)unidades de estruturação de SegTs mínimos, conforme concebemos, são (sub)unidades que pressupõem a possibilidade da simultaneidade de funções, sendo, pois (sub)unidades entendidas com base na predominância, e não na exclusividade, de determinada função no contexto da construção global do SegT.

Conforme afirmamos também em Guerra e Penhavel (2011), reconhecer essa integração, ou simultaneidade, de funções em uma mesma (sub)unidade significa reconhecer que a construção de um SegT não está submetida ao encaixamento do texto em uma estrutura engessada, fixa, pré-determinada, exclusiva para determinado fim específico. Significa entender que a estruturação de um SegT é um processo flexível e plural. Por outro lado, entendemos também que essa integração de funções não é incompatível com a depreensão e a classificação de partes e subpartes componentes do SegT, na medida em que essa integração de funções é uma característica típica dos fenômenos de natureza textual-interativa, na medida em que a depreensão, por parte dos falantes, da organização do texto em termos de predominância de funções é uma propriedade natural do processamento textual e, correlativamente, na medida em que analisar a estruturação do texto com base na predominância de funções é uma característica natural da análise de fenômenos textuais.

É, pois, nesse sentido que concebemos a noção de (sub)unidades constituintes de SegTs mínimos, (sub)unidades formuladas (e identificáveis) com base nessa relação entre simultaneidade e predominância de funções, entre flexibilidade e sistematicidade composicionais. E é nesse sentido que entendemos ser possível falar em estruturação interna de SegTs mínimos.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, procuramos discutir a interação entre o caráter assistemático e o caráter sistemático do processo de estruturação interna de SegTs mínimos. Nesse sentido, discutimos (i) a integração de regras gerais típicas de diferentes gêneros na construção de um mesmo SegT, (ii) a possibilidade de os falantes utilizarem certas formas não-sistemáticas de estruturação que podem ser vistas como variações em relação a uma regra geral, (iii) o caráter não necessariamente pontual da transição entre as (sub)unidades constituintes dos SegTs e (iv) a constituição das (sub)unidades dos SegTs não em termos da exclusividade, mas da simultaneidade e da predominância de funções.

Com efeito, pode-se dizer que a estruturação de SegTs mínimos é caracterizada por regularidades e irregularidades. No entanto, apesar dessa característica, entendemos, conforme assumido ao longo do trabalho, que o processo em foco é *essencialmente* regular. E como procuramos mostrar, esse entendimento de que a estruturação de SegTs seja fundamentalmente norteadas por regras gerais não é incondizente com a existência de um lado relativamente flexível desse processo; na verdade, as regras de estruturação, de acordo com nossa concepção, interagem com a irregularidade relativa do processo e até mesmo agregam essa irregularidade.

Em Penhavel (2010), propomos um programa de pesquisa voltado para identificar regras gerais de estruturação de SegTs mínimos típicas de diferentes gêneros textuais, com o objetivo de descrever um inventário, o mais completo possível, das regras com que os falantes lidam no momento da construção e interpretação de textos. A nosso ver, as considerações feitas no presente trabalho corroboram a viabilidade de um programa desse tipo. Ao que parece, trata-se de um campo de trabalho relevante e muito amplo na área de Linguística Textual e, particularmente, no âmbito da Gramática Textual-interativa.

### **REFERÊNCIAS**

BARBOSA, A. G.; LOPES, C. R. S. (Org.). *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. *Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. São José do Rio Preto: UNESP, 2007. (Relatório científico, FAPESP)

GUERRA, A. R.; PENHAVEL, E. O processo de estruturação interna de Segmentos Tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. *Revista Confluência*, 2011. No prelo.

IBORUNA. Disponível em: <[www.iboruna.ibilce.unesp.br](http://www.iboruna.ibilce.unesp.br)>. Acesso em: 15 ago. 2011.

JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes; São Paulo: FAPESP, 2007. p. 313-327.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 89-132.

JUBRAN, C. C. A. S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado – v. II: Níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 341-420.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PENHAVEL, E. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

Recebido em outubro de 2011.  
Aprovado em setembro de 2012.